

54/01/21
Mário Cavaco
p. 57



FLUXO E REFLUXO -- I

Sergio Buarque de Holanda

UM BALANÇO de nossa atividade literária durante o ano findo serviria para atestar ainda uma vez o aparente declínio do interesse de nossos escritores pela prosa de ficção, sobretudo pelo romance. De todos os gêneros de literatura foi a poesia que coube indiscutivelmente a preeminência, e não só de um ponto de vista estatístico.

O fato poderia ser explicável por motivos que, embora demasiado materialistas, não merecem em menor grau a atenção de um comentarista de livros. É que a presente crise no negócio editorial, afetando largamente a produção literária, parece contudo afetar menos a poesia do que a prosa, mormente a prosa de ficção. E a razão bem simples, está nisto, que os nossos poetas têm sido tradicionalmente, com poucas exceções, os editores dos próprios livros.

Só isto bastaria para mostrar razoavelmente por que motivo, ao declínio da produção literária, de um modo geral, não corresponde nas mesmas proporções, um declínio da produção poética. E também porque os movimentos inovadores se fazem sentir primeiramente na poesia, e só mais tarde irão repercutir, quando repercutem, num gênero de maior procura, como é o caso, sem dúvida, do romance.

O resultado é que, não podendo dispor com tamanha facilidade de auditórios numerosos, o poeta há de ser menos tributário do gosto de um público naturalmente conservador e misoneísta. Sua fraqueza vem a ser, por isso, a sua força. Independente até certo ponto dessa espécie de *nihil obstat* do gosto e da opinião gerais, que é o baluarte mais constante de todas as rotinas, ele passará, por um lado, a acolher mais desembaraçadamente os fermentos de rebelião que se produzem periodicamente no mundo das letras. Não é pois, de admirar, se ao menos nos últimos tempos os sinais de agitação renovadora se tenham manifestado, em primeiro lugar, no território da poesia.

A mesma precedência da poesia, tanto quanto é possível julgar, verifica-se nos dias de hoje, se pensarmos no movimento que alguns dos seus participantes, talvez caprichosamente e movidos pela ambição de se tornarem sujeitos, não objetos, da história, vão datando do ano de 1945.

É CERTO que a explicação meramente econômica de muitos desses fatos tende a ser demasiado simplista para parecer totalmente verdadeira. Mas não há dúvida que ela corresponde pelo menos a uma parte da verdade. A outra parte, e creio que, no caso, a mais importante, está relacionada com aqueles mesmos e misteriosos fermentos renovadores a que se fez alusão linhas acima, os quais se introduziriam periodicamente no mundo das letras e não dependem à primeira vista, da chancela do público, pelo menos da maioria do público.

Para melhor caracterizar essa periodicidade na transformação

dos gostos e das atitudes estéticas tradicionais, seria talvez lícito invocar alguma lei comparável ao que estudiosos da mudança social ou cultural denominam teoria dos ciclos isócronos de integração, equilíbrio e desintegração. Ou ao resultado de certas análises de fenômenos cumulativos de tipo cíclico na teoria da conjuntura econômica. Mesmo no mundo da literatura, a presença dessas manifestações cíclicas, e em particular o problema das gerações, já tem ocupado insistentemente vários especialistas, e as soluções alvitadas divergem, por vezes, de modo considerável.

O exame de esforços semelhantes escapa à alçada do presente comentário mas não resistirei à tentação de lembrar uma hipótese sugestiva, ultimamente apresentada de forma embora um tanto impressionista, e que, com pouca corrupção, parece aplicável ao caso brasileiro. Em sua história do moderno romance francês, de que se publicou, há pouco, o primeiro volume, Claude-Edmonde Magny distingue, num período aproximado de trinta e três anos, a contar de 1918, duas gerações que correspondem a movimentos distintos, e a bem dizer opostos.

NO PRIMEIRO, situado entre os anos de 1918 e 1930, temos uma fase de expansão, de diástole. Perspectivas inauditas abrem-se de repente às mais diversas ativida-

des. Todas as audácias parecem justificadas, ao menos nos domínios tradicionalmente reservados ao prazer — arte inclusive —, desde que a primeira guerra mundial revolucionou estruturas até então vigentes e abalou valores tidos como seguros e intangíveis. Na segunda fase, ao contrário, dominará a sístole, a retração. Ao entusiasmo da geração precedente irá substituir-se uma "tonalidade afetiva comum, que será a inquietação e mesmo a angústia, refletindo como um pressentimento dos malogros de 33-39, das derrotas de 40".

Numa tentativa de aplicação de critério semelhante à evolução mais recente da literatura brasileira, deveríamos começar pela mudança da data inicial do movimento expansivo, tendo em conta o inevitável atraso com que nos chegam as correntes renovadoras do ultramar. Uma tradição já consagrada e dificilmente discutível permite fixar aquela data inicial no ano da Semana de Arte Moderna, da revista *Klaxon*, de *Paulicéa Desvairada*. Mas além de iniciar-se em 1922, não em 1918, o movimento terá tido, entre nós, motivos particulares para distender-se muito além do período de doze anos em que persistiu aparentemente na França.

É ISSO é ainda explicável quando se considere que, da angústias e dos malogros capazes de

(Conclui na 7.ª página)

Continua no verso.

9, 21 de Janeiro de 1951

Letras e Artes



FLUXO E . . .

(Conclusão)

gerarem aqui uma contra-corrente eficaz, semelhante à francesa, só nos podiam chegar, em reali-

dade, alguns ecos atenuados e confusos. E tivemos, ao lado disso, uma Ditadura que, para sustentar-se, devia criar um ambiente artificial de otimismo, que veio a contribuir até certo ponto, para o prolongamento da diástole. Se essa espécie de exaltação dirigida não chegou a convencer os mais esclarecidos, o fato é que pôde fabricar um clima de opinião geralmente desfavorável a qualquer mudança de rumo.

A novela regionalista do Nordeste, que se insere nitidamente no mesmo movimento de diástole, pôde alcançar em certos casos os anos de 40 sem perder o ímpeto inicial. De 42 é ainda *Terras do Sem Fim*, onde Jorge Amado recupera a força e o sentido poético de *Jubiabá*. E pela mesma época o sr. José Lins do Rego chega a atingir, se não ultrapassar, em *Fogo Morto*, a realização admirável dos seus romances da cana do açúcar, que pertencem ao começo do decênio anterior. É verdade que já então vinha efetuando incursões às salinas de Araruama e, com *Eurídice*, irá instalar-se numa pensão do Catete.

Essa vinculação do romance nordestino e baiano ao modernismo do sul, que cronologicamente o antecede, não representa, contudo, um ponto pacífico. Principalmente porquê oscilam ainda hoje, mais ou menos, ao sabor das inclinações e idiosincrasias pessoais de cada um, os juízos correntes a respeito do papel do movimento de 22 em nossa vida intelectual. É significativo, por exemplo, que enquanto um poeta representativo da chamada "geração de 45" — o sr. Péricles Eugênio da Silva Ramos — acusava, não há muito, os nossos modernistas, em contraste com os atuais "neo-modernistas", de se terem apegado em demasia ao regional e ao nacional, desprezando o universal, o sr. Gilberto Freyre, no prefácio a *Região e Tradição* acusa-os, em oposição, aos "renovadores do Nordeste", de terem sido "inimigos de toda espécie de tradicionalismo e de toda forma de regionalismo".

A CAUSA de tamanhas discrepâncias está em que cada crítico partiu, neste caso, de uma simples meia verdade, desdenhando o resto, e de meia verdade suscetível de exagerar-se até à deformação dos fatos. A verdade inteira é que o movimento de 22, tendo sido universalista e até cosmopolita, não deixou de ser, ao mesmo tempo, nacional, regionalista e a seu modo tradicionalista.

Por esse aspecto, e não só por ele, enlaça-se a certas tendências surgidas posteriormente, em particular ao romance social e regional do Nordeste. Não parece necessário que exista, no caso, uma relação precisamente de causa efeito, mas será interessante, de qualquer forma, mostrar como ambas as tendências se inserem no mesmo movimento expansivo, diastólico. E é a mais detida consideração desse movimento que nos ajudará, talvez, a melhor compreender a fase de refluxo que já vai envolvendo a expressão poética de toda uma nova geração de escritores brasileiros.

Para remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo).



54/02/09
Mário Lantaco
p. 2

55W
P. 94 P. 85
10

04-02-51



Diário Carioca

Petras

O SENTIDO das correntes espirituais e artísticas que, no Velho Mundo e logo em seguida à primeira guerra mundial, aboliram certos padrões longamente estabelecidos, pode talvez explicar, em grande parte, a coexistência e aliança, aparentemente paradoxais, em movimentos como o nosso modernismo, do cosmopolita com o regional, do universal com o nacional, do cidadão com o folclórico, do "futurismo" com a tradição.

A carnificina de 1914-1918 acarretara, em círculos cada vez maiores e mais influentes, um manifesto descrédito da civilização, do próprio conceito de civilização. A idéia de sua precariedade, de sua mortalidade, marca os mais diversos ramos da atividade intelectual. Apenas, por uma estranha metamorfose, a negação irá converter-se agora em posição, em afirmação. Duvidando de si, das bases em que assentara seu longo prestígio, a civilização passa a incorporar a si aqueles mesmos elementos que outrora conservara orgulhosamente a distância: sangue novo que lhe restaurará as forças gastas. O que normalmente poderia redundar em retração e recolhimento, resulta agora em expansão, em otimismo. Em diástole.

"Nous autres, civilisations, nous savons, maintenant, que nous sommes mortelles". Com estas palavras principiava Paul Valéry, em 1919, sua carta famosa, sobre a crise do espírito. E um dos efeitos quase imediatos do descobrimento da própria desvalia, sabemos que foi, para o mundo civilizado e seus arrabaldes, uma es-

FLUXO E REFLUXO-3

(Conclusão)

Sergio Buarque de Holanda

pécie de valorização sentimental de tudo quanto se mostrara até então refratário às conquistas espirituais e materiais da cultura européia. Descobriu-se, por um lado, o subconsciente, e simultaneamente, na mesma luta contra o império da inteligência e da razão clássica, reabilitaram-se os orientalismos, os irracionalismos, os misticismos de toda espécie. Por outro lado, erigiram-se pedestais para o exótico, o pitoresco, o primitivo, o *art nègre*.

Ora, o prestígio de súbito alcançado por esses elementos não poderia deixar de afetar vivamente aqueles que procuravam colocar-se no nível das novas tendências de arte e pensamento. E no Brasil, onde alguns desses "exotismos" não precisavam constituir artigos de importação, mas estavam, ao contrário, integrados à nossa paisagem humana ancestral, sua investigação podia e devia confundir-se com a investigação de nossas origens, e sua exaltação, com a exaltação de nossa peculiaridade.

UM dos representantes da geração de 22, que até essa época só publicara em francês e na Europa, procurou exprimir, então, no simbolismo do papagaio e do galo, o diálogo de um estilo de vida que forcejava por emancipar-se, e já agora não se envergonhava de si, com as normas "civilizadas", que antes procuráramos assimilar. Nesse diálogo, nossas próprias falhas ou deficiências, do ponto de vista europeu, "civilizado" — inclusive aquela "sagessé que vous appelez paresse" — eram convertidas, em altaneiras virtudes. Com *Le Cop et le Perroquet*, se não estou esquecido, o sr. Sérgio Milliet, coerente, nisto, com a atitude de toda uma geração, escreveu também seu último livro francês. E o "nosso céu tem mais estrelas" com que Antonio de Alcantara Machado encerra, em 1925, sua reportagem transatlântica de Pathé Baby não é menos significativo da mesma atitude, em que o próprio timbre irônico do modernista serve de corretivo para a efusão patrioteira.

Ao contrário de sua congênere da América do Norte, por exemplo, não foi precisamente uma "geração perdida" essa, que, desde o primeiro dia, tratou de encontrar-se a si mesma, encontrando e "descobrimo" o Brasil. A história da "Lost Generation" foi narrada admiravelmente há mais de quinze anos no livro onde um dos "exilados" (Malcolm Cowley, em *Exile's Return*) nos refere a odisséia daqueles escritores e artistas que se desterraram voluntariamente da América e da realidade, para voltarem depois, desenganados, a uma e outra.

A história, bem diferente, em

tantos aspectos, de nosso "modernismo" ainda não foi escrita. Quando o fôr, estou certo de que não deixará de mostrar como, em torno de seus lemas, foi possível agregarem-se, ganhando um sentido mais preciso, as correntes ao mesmo tempo regionalistas e rebeldes que se iam formando em todos os quadrantes do país. Mesmo no Nordeste, vários autores que nos anos de 20 exprimiram a mesma atitude nacional e regional dos modernistas, mantiveram com estes contato assíduo, e sem dúvida fecundo. Foi o caso especialmente dos poetas — do sr. Jorge de Lima, por exemplo, e sobretudo do sr. Ascenço Ferreira — o que era de esperar num momento em que a poesia, como hoje, entre os "neo-modernistas", ainda era a manifestação literária mais definida da vontade de renovação. E quando, mais tarde, aquele nacionalismo e regionalismo inflectiram para a expressão novelística, foi no Nordeste principalmente que sua fome de "colorido", do "tradicional", encontrou o alimento mais adequado. Não deixa de ser significativo da relação inicial — note-se bem que não digo "filiação" em sentido estrito — da novela do nordeste ao ambiente espiritual representado e pode-se dizer que suscitado, no Brasil, pelo modernismo, a circunstância dos romances nordestinos terem tido entre os representantes dessa geração seus primeiros e mais ardorosos propagadores.

A TESE recente de que o "regionalismo" do nordeste se teria desenvolvido indiferente e até em deliberada oposição ao modernismo é, assim, tão pouco defensável quanto esta outra, de que suas manifestações artísticas e intelectuais sempre teriam encontrado hostilidade e incompreensão nos responsáveis diretos do movimento de 22. Retomando a tese inicial destes comentários eu diria ainda que esse regionalismo, especialmente em sua expressão novelística, constitui, provavelmente, um prolongamento típico (não único, embora) da mentalidade e do modernismo. Representa, em outras palavras, uma evolução do modernismo para além dos seus domínios primitivos: a polêmica, a poesia, a pesquisa erudita. Pouco importa se, no meio do caminho, outros rios puderam engrossar a caudal.

Observar que a geração de 22 se encontrou e se descobriu, encontrando e descobrimo o Brasil, não significa, neste caso, reivindicar uma primazia cronológica. Sobre tudo não significa tentar, a qualquer preço, um panegírico dessa geração. Penso, ao contrário, que em mais de um ponto, o "encontro", assim como a espécie de autolatrida nacional

regional que se seguiram a ele, padeceu de alguns vícios de origem que já é possível e necessário, talvez, denunciar. O fato é que apesar de tudo entrou muita improvisação e facilidade na escolha dos rumos seguidos. Mais uma vez o Brasil fôra "descoberto", e descoberto, mais uma vez, por acaso. No meio da navegação que devia levar a Índias incógnitas, sua aparição empolgou subitamente pelo que oferecia de único, de peculiar, de jamais visto. E a côr da nossa surpresa, apesar de alguns esforços lúcidos para retificá-la, continua a colorir não apenas a arte e a literatura, mas até a ciência, até a política, onde a "realidade brasileira", as tradições brasileiras, livremente interpretadas, o "mau, mas meu" passaram a ser padrões supremos e insuperáveis.

A BASE de tudo isso não é difícil encontrar aquela mesma "premência, sofreguidão de nacionalidade" que Mário de Andrade assinalava, em 1924, nos poetas de sua geração. Premência suspeita, sem dúvida, se é certo que só se pode desejar sofregamente aquilo que não se tem. Parece lícito supor, ao contrário, que a importância relativamente secundária de motivos nacionais, regionais, entre tantos autores novos de hoje corresponda a uma saturação, no sentido mais amplo desta palavra. E que o "brasileirismo" já se tenha integrado substancialmente nos autores e no público para deixar de ser um simples e amavel espetáculo. Suposição talvez otimista em excesso, mas que nem por isso deve ser afastada.

Parece hoje indiscutível que uma obra de arte para alcançar valor durável deva transbordar das condições particulares da vida brasileira sem deixar de dedicar a elas, embora, uma secreta — ou discreta — fidelidade. A observação pertence ao artigo que um jovem crítico e historiador norte-americano — o sr. Richard M. Moese, professor assistente de História Latino-Americana na Universidade de Colúmbia — acaba de dedicar ao "Brazilian Modernism" da *Hudson Review* de Nova York. O assíduo interesse do articulista pelos assuntos brasileiros (veja-se, por exemplo, seu estudo publicado no último volume dos *Anais do Museu Paulista* sobre o desenvolvimento histórico da cidade de São Paulo no Século XIX: "Raízes Oitocentistas da Metrópole") empresta particular autoridade e isenção ao seu ponto de vista. Ponto de vista de que partilham, aliás, outros críticos eminentes. O sr. Barreto Filho, por exemplo, em ensaio sobre Machado de Assis citado pelo próprio Morse; a sra. Lúcia Miguel Pereira, em sua história do romance brasileiro entre 1870 e 1920 e ainda mais recentemente o dr. Wolf-

gang Kayser, no belo estudo que acompanha sua tradução alemã do Braz Cubas.

A' luz desse critério, que se vai generalizando, parece compreensível e até certo ponto justificável a reação de alguns poetas de hoje, poetas do "refluxo" e da "sístole", contra o *colorismo* e o regionalismo dos modernistas. Assim como é compreensível a reação contra seu liberalismo, seu *laissez faire*, na literatura e na poesia. Não falta, é bem verdade, quem pinte prepositalmente em côres vivas esse liberalismo, em favor de um culto acendrado às disciplinas formais que se destaque em contraste com ele. O fato é que nos mais genuínos representantes da geração de 22, o *laissez faire* artístico, apesar das aparências, nunca foi realmente constitutivo. E também quero crer que a exarcebada formalista de certos poetas e teóricos do chamado neo-modernismo não passará de uma das moléstias infantís do movimento.

A SUPERACÃO verdadeiramente eficaz do modernismo não pode nascer de uma inversão meticulosa da sua imagem real ou convencional, pois que isso seria ainda um modo de depender dele. Não há de ser uma antítese de suas virtudes e de seus defeitos, mas antes uma síntese onde se incorporem suas conquistas positivas ou ainda atuais. Numa definição mais concreta, se possível, eu diria que será brasileira, embora despreocupada do Brasil, e será disciplinada, posto que generosamente livre.

Remessa de livros: Rua Had-dock Lobo, 1625 — S. Paulo.

54/0128
Diário carioca
p. 5-6

P. 24 P. 25

37



FLUXO E REFLUXO - II

Sergio Buarque de Holanda

DO MODERNISMO de 22 pode-se dizer que se impregnou dos motivos regionais quase desde o primeiro dia. Não obstante sua ambição de espelhar as correntes mais avançadas da literatura européia da época, o fato é que se preocupou insistentemente em dar-lhes forma e côr local. Em conferência hoje muito citada, Mário de Andrade insistiu justamente em como o primeiro livro do movimento, escrito, de fato, em 1920 e 21, já "canta regionalmente a cidade materna". E um dos colaboradores de *Klaxon*, escrevendo no número de novembro de 1922, acentua de modo expresso que Paulicéa Desvairada é "intencionalmente, um livro regional".

Esse regionalismo não deixará de perseguir, aliás, os principais responsáveis pelo movimento durante os anos seguintes. De 1923 é *Carnaval Carioca*. De 1924, o *Noturno de Belo Horizonte*. De 1925, o *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade. Do mesmo ano, *Raça e Meu* de Guilherme de Almeida. De 1925 ainda é a *Invocação do Recife* de Manuel Bandeira, escrita após outras páginas de nítida inspiração regionalista, como *Berimbáu* e — por que não? — *Mangue*. *Vamos Caçar Papagaios*, de Cassiano Ricardo é de 1926. De 1927 é *Clã do Jaboti* e de 1928, *Macunaima*. A primeira versão de *Cobra Norato*, de Raul Bopp, é de 1929 ou antes, não estou bem lembrado.

EM todo o decênio de 1920-1930 já se exprime sem desfalecimentos aquela "aspiração de nacionalidade" a que se referia o autor de *Macunaima* numa resenha do *Meu* de Guilherme de Almeida, como característico dos modernistas brasileiros. O nacionalismo artístico e poético, dizia — e poderia dizer também "o regionalismo" — é guiado, no caso, pelo "desejo de nacionalidade, mais do que isso: por uma precisão de nacionalidade, a qual sendo fenômeno quase generalizado e por assim dizer inconsciente, deve dar muito que matutar pros universalistas. Uma premência, sofreguidão, precisão de figurar dentro duma nacionalidade definida e original". E Paulo Prado, no prefácio que escreveu para *Pau Brasil*, falava,

a propósito dos mesmos modernistas, na poesia "brotando do solo natal, inconscientemente. Como uma planta".

Mas a tentativa "regional" da primeira geração modernista não era apenas inconsciente e nem ficou circunscrita à arte e à poesia. Foi a mesma aspiração de nacionalidade que levou alguns dos seus representantes a percorrerem só ou em grupos, por essa época, as velhas cidades mineiras, o Nordeste, o Extremo-Norte e até o Acre. Foi êle ainda o que determinou, em grande parte, sua preocupação constante e fecunda com nossos costumes populares e tradicionais, o interesse pela nossa habitação colonial, a revalorização do Aleijadinho, as investigações folclóricas, o culto e o cultivo da música popular, as tentativas de estudo e sistematização da fala brasileira.

ENÃO MENOS, a intensificação da pesquisa e da interpretação histórica. Paulo Prado, um dos animadores da Semana de Arte Moderna e que reclamava, tanto quanto os modernistas mais jovens e ousados, uma "reabilitação do nosso falar quotidiano, *sermo plebeius* que o pedantismo dos gramáticos tem querido eliminar da língua escrita", publica *Retrato do Brasil e Paulística*. Antônio de Alcântara Machado, o autor de *Bras, Bexiga e Barra-Funda*, diretor, com Mário de Andrade e Paulo Prado, da *Revista Nova*, recebe em 1926

o prêmio Capistrano de Abreu pelo seu estudo sobre *Anchieta na Capitania de São Vicente*, e prepara-se para anotar as cartas anchietanas, que no entanto só serão publicadas depois de 1930. J. F. de Almeida Prado, modernista da primeira hora e colaborador de *Klaxon*, o órgão inicial do movimento, envereda para a longa e meticolosa análise dos primeiros séculos da colonização, que abrange presentemente nove volumes da coleção *Brasiliana* da Companhia Editora Nacional. E não fosse o empenho de restringir-me ao decênio de 1920 a 30, ainda teria de acrescentar a êsses, outros nomes, como o de Afonso Arinos de Melo Franco, o de Rodrigo M. F. de Andrade, o diretor do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional, o de Cassiano Ricardo ou o de Mário de Andrade, que apresentaram contribuições das mais valiosas que se conhecem para o melhor conhecimento do nosso passado.

DE MODO QUE, confessadamente modernista, não se pode dizer sem grande erro, da geração de 22, que se mostrou avessa ao estudo das nossas tradições nacionais e regionais. E foi pelo menos com algum exagero, exagero "romântico", que um dos nossos mais notáveis historiadores e sociólogos — o sr. Gilberto Freyre — tentou, por mais de uma vez, e expressamente contra os "modernistas" reivindicar para sua escola

(Conclui na 6.ª página)

Continua no verso.



FLUXO E...

(Conclusão)

do Recife a honra quase exclusiva dessa preocupação exacerbada com assuntos brasileiros do passado e do presente, já no decênio anterior a 1930. Pois não é o autor de *Casa Grande e Senzala* quem, no já citado prefácio, sustenta que "a parte duas ou três exceções notáveis" (e essa mesma ressalva é um modo de fortalecer a afirmativa), "os modernistas brasileiros se endeuçaram diante dos assuntos brasileiros e do próprio público nuns irônicos, nuns superiores, nuns humoristas..."?

Se contudo, buscássemos analisar em suas raízes mais fundas essa preocupação do nacional, do regional e, não menos, do tradicional, que fora de qualquer dúvida empolgou desde cedo os "modernistas", e a partir de 1923 teria ganhado, independentemente, os "renovadores do Recife", parecia difícil dissociá-lo, em um e outro caso, de uma atitude universalista, da ambição de colocar nossas letras, nossa arte, nossa cultura ao nível das correntes mais avançadas da literatura, da arte e da cultura da Europa e da América do Norte.

DO MOVIMENTO do Recife é verdadeiramente lamentável que se tenham tão escassas notícias — quase apenas as páginas, ao mesmo tempo reveladoras e reivindicadoras, por isso naturalmente polêmicas, que lhe consagrou o sr. Gilberto Freyre, mas a simples leitura de tais páginas nos autoriza a crer que aquele movimento se inspirava, largamente, na mesma ambição universalista já representada pelos modernistas do sul.

Mas justamente neste ponto deparamos com uma dificuldade. Como explicar que a atenção voltada para o exterior, para as grandes metrópoles mundiais da inteligência, viesse a conciliar-se aqui com uma espécie de ensimesmamento nacional e regional, uma deliberação generalizada de investigar a qualquer preço nossa peculiaridade e nossas origens? A consideração desse problema, só ao primeiro relance intrincado, será dedicado o próximo artigo.

Para remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo).